Para Kate DiCamillo
que ergueu a lanterna bem alto

Capítulo Um

O facto de a Veronica e eu termos recebido as chaves e sido instruídas a chegar mais cedo num sábado gelado de abril, a fim de abrirmos a escola para as audições de *A Nossa Cidade*, era uma prova da nossa fiabilidade monótona. O encenador da peça, o Senhor Martin, era amigo da minha avó e agente da State Farm. Foi assim que fui envolvida, através da minha avó, e a Veronica foi envolvida porque fazíamos quase tudo juntas. As pessoas não se cansavam de *A Nossa Cidade* em New Hampshire. Sentíamo-nos em relação à peça da mesma forma que outros americanos se sentiam quanto à Constituição ou à «Bandeira Salpicada de Estrelas».[1] Falava por nós, fazia-nos sentir especiais e vistos. O Senhor Martin previu uma grande participação nas audições, o que explicava a razão pela qual precisava de usar o ginásio naquele dia. Tratava-se de uma produção de teatro comunitário, não de uma peça do secundário, mas, dado que o Senhor Martin também era o agente de seguros do diretor da escola e, provavelmente, seu amigo, o pedido foi atendido. A nossa cidade era assim.

Chegámos com as nossas canecas de viagem cheias de café e romances grossos, *A Incendiária* para a Veronica e *Doutor Jivago* para mim. Eu gostava da escola, mas odiava o ginásio e tudo o que ele representava: desportos coletivos, reuniões de claques, jogos violentos de *kickball*, correr em círculos quando estava demasiado frio a fim de irmos para a rua, bailes formais, formaturas. Mas naquela manhã o sítio estava vazio e parecia estranhamente belo. A luz do Sol jorrava pelas janelas estreitas logo abaixo da linha do telhado. Acho que nunca tinha percebido que havia janelas no ginásio. O chão, as paredes e as arquibancadas

[1] Referência à bandeira dos Estados Unidos da América. *(N. da T.)*

eram feitos das mesmas tiras claras de madeira. O palco ficava numa extremidade, atrás do cesto de basquetebol, com as pesadas cortinas vermelhas puxadas de modo a mostrar um nada preto-fosco. Era para onde a ação estava programada. Tínhamos instruções para montar uma mesa de banquete e cinco cadeiras desdobráveis diante do palco («Perto, mas não demasiado perto», dissera-nos o Senhor Martin) e, depois, a vinte e oito metros, debaixo do cesto de basquetebol adversário, deveríamos pôr a segunda mesa, em frente das portas da entrada, onde controlaríamos as inscrições. Tirámos, com dificuldade, as duas mesas desdobráveis do armário. Trouxemos as cadeiras. Íamos passar a manhã a explicar como preencher o formulário: *Nome, Nome artístico se diferente, altura, cor do cabelo, idade (em categorias de sete anos — por favor, escolha uma) e número de telefone*. Os aspirantes tinham sido convidados a trazer uma fotografia do rosto e o currículo, anotando todos os papéis desempenhados antes. Tínhamos uma caneca com canetas. Para quem chegava sem currículo, havia um espaço onde o podiam elaborar, e a Veronica estava preparada para tirar uma polaroide de quem não tivesse fotografia e prendê-la ao formulário. O Senhor Martin disse-nos que não devíamos deixar ninguém envergonhado por ter menos experiência porque: «Às vezes é onde estão os diamantes.»

Mas a Veronica e eu não éramos raparigas do teatro. Essas não tinham sido convidadas a fazer este trabalho, no caso de quererem tentar obter um papel. Nós éramos raparigas normais, sem a mínima ideia de como fazer os adultos sentir-se julgados com base na falta de experiência teatral. Assim que tivéssemos a papelada toda, devíamos entregar-lhes as páginas que eles leriam, as quais o Senhor Martin nos disse chamarem-se «lados», juntamente com um número impresso num quadrado de papel, encaminhando-os depois para a entrada a fim de esperarem.

Quando as portas se abriram, às oito horas, entraram tantas pessoas que parecia uma venda de caridade. A Veronica e eu voltámos apressadamente para a nossa mesa um pouco à frente da multidão. Ficámos instantânea e esmagadoramente a trabalhar.

— Sim — assegurei a uma mulher, e depois a outra —, se ler para a Senhora Gibbs, também será considerada para a Senhora Webb. — O que eu não disse, embora estivesse a tornar-se evidente, foi que, se alguém lesse para a Emily, seria também considerada para a mãe dela. Numa produção escolar, não era raro alguém de quinze anos interpretar o pai ou a mãe de alguém de dezassete, mas o teatro comunitário era um bicho diferente. Naquela manhã, os candidatos esperançosos eram de todas as idades, não só homens mais velhos que queriam ser o Diretor de Cena, mas universitários que tinham vindo ler para a Emily e o George. (As Emilys usavam demasiada maquilhagem e vestiam-se como as raparigas *amish* que vendiam pãezinhos de canela no mercado dos produtores, e os Georges examinavam sorrateiramente os outros Georges). Crianças genuínas aproximavam-se da nossa mesa, anunciando que queriam ler para o Wally ou a Rebecca. Deviam ter sido mandados pelos pais em busca de quem cuidasse dos filhos. Que rapaz de dez anos anuncia durante o pequeno-almoço que quer ser o Wally Webb?

— Se todas estas pessoas voltarem e comprarem bilhetes, teremos um sucesso nas mãos — disse a Veronica. — Toda a produção pode ir para a Broadway e ficaremos ricas.

— Como é que isso *nos* torna ricas? — perguntei.

A Veronica disse que estava a extrapolar.

O Senhor Martin pensara em tudo, exceto nas pranchetas, o que se tornou num verdadeiro descuido. As pessoas usavam a borda da nossa mesa como escrivaninha, gerando engarrafamento. Tentei decidir se era mais deprimente ver as pessoas que conhecia ou as que não conhecia. A Sally, que trabalhava na caixa do Major Market e devia ter a idade da minha mãe, segurava um currículo e uma fotografia de rosto nas mãos enluvadas. Se o sonho da Sally sempre fora ser atriz, eu achava que nunca mais conseguiria ir ao supermercado. Depois, havia a multidão de estranhos, homens e mulheres encasacados, a olhar em redor do ginásio de uma forma que deixava claro que nunca o tinham visto. Pareceu-me igualmente triste pensar nestas pessoas a conduzir durante sabe-se lá quanto tempo naquela manhã gelada porque queriam continuar a conduzir até aqui para todos os ensaios e apresentações até ao verão.

— O mundo inteiro é um palco — disse a Veronica, porque ela conseguia ler a minha mente — e todos os homens e mulheres querem apenas ser atores.

Aceitei o currículo e a fotografia de rosto do pai da minha amiga Marcia, nome que ela pronunciava Mar-*cí*-a. Eu sentara-me à mesa de jantar deste homem, andara no banco de trás da sua carrinha, quando ele levava a família a comer um gelado, e dormira na segunda cama de solteiro do quarto cor-de-rosa da filha. Fingi não o conhecer porque achei que seria a atitude mais amável.

— Laura — disse ele, sorrindo com todos os dentes. — Bom dia! Bela multidão.

Concordei, depois dei-lhe o seu número e os lados e disse-lhe que voltasse para a entrada e esperasse.

— Onde fica a casa de banho? — perguntou.

Era mortificante. Até os homens queriam saber onde ficava a casa de banho. Queriam ajeitar o cabelo achatado pelos gorros. Queriam ler o seu papel em voz alta para si mesmos ao espelho e ver como ficavam. Apontei para o corredor que ele deveria percorrer.

— A do Centro de Artes da Linguagem deve estar menos ocupada.

— Vocês, meninas, parecem ocupadas — disse a minha avó. Ela surgiu quando o pai da Marcia se afastou

— A senhora quer um papel? — perguntou-lhe a Veronica. — Eu conheço pessoas. Posso fazer de si uma estrela. — A Veronica adorava a minha avó. Toda gente adorava.

— Estou aqui apenas para dar uma olhadela. — A minha avó apontou para a mesa diante do palco, indicando que iria sentar-se com o Senhor Martin e o pessoal do teatro. A minha avó, dona da Stitch-It, a loja de arranjos de costura da cidade, oferecera-se para fazer o guarda-roupa, o que significava que também me voluntariara, já que trabalhava para ela depois da escola. Ela atravessou o longo espaço vazio da quadra de basquetebol, onde não havia ninguém, e sentou-se a uma mesa distante.

As audições deveriam começar pontualmente às dez, mas graças à questão da prancheta já passava das dez e meia. Inscritos todos os retardatários, a Veronica disse que iria selecionar pequenos grupos de

acordo com o seu número e os papéis para os quais tinham vindo, levando-os depois pelo corredor a fim de esperarem.

— Vou ser o cão pastor — afirmou, levantando-se da nossa mesa.

Eu ficaria ali e inscreveria silenciosamente os retardatários. O Senhor Martin e a minha avó sentaram-se com mais três pessoas no extremo oposto da quadra de basquetebol e, com a mesma rapidez, o ginásio, que estivera barulhento durante toda a manhã, ficou em silêncio.

A Veronica deveria acompanhar as pessoas pelo corredor e pelas escadas, atravessando os bastidores até à beira do palco quando os seus nomes fossem chamados. As que esperavam pela audição não eram autorizadas a assistir às outras audições e as que as tinham terminado eram instruídas a sair, a menos que lhes fosse especificamente pedido que ficassem. Todos os diretores de cena seriam os primeiros — o maior e mais importante papel na peça —, seguidos pelos Georges e Emilys e depois os outros Webbs — o Senhor e a Senhora e o Wally — e os Gibbs — o Doutor e a Senhora e a Rebeca. Os pequenos papéis seriam atribuídos aos melhores dos eliminados. Ninguém sai de casa na esperança de obter o papel do Polícia Warren, mas se o que se consegue é o Polícia Warren, então, a pessoa aceita.

— Senhor Saxon — chamou o Senhor Martin. — Vai ler o início do segundo ato.

Todos os diretores de cena leriam o início do segundo ato.

O facto de eu poder ouvir o leve arrastar dos passos ao atravessarem o palco surpreendeu-me.

— Sou o primeiro? — O Senhor Saxon não considerara que este seria o resultado de chegar ao ginásio de uma escola secundária meia hora antes de as portas se abrirem.

— Sim, o senhor é o primeiro — respondeu o Senhor Martin. — Por favor, comece quando estiver pronto.

Então, o Senhor Saxon aclarou a voz e, depois de esperar um minuto a mais do que teria sido apenas estranho, começou.

— Passaram-se três anos — disse ele. — Sim, o Sol nasceu mais de mil vezes.

Continuei a olhar para a entrada, como fizera toda a manhã, embora agora aqueles dois conjuntos de portas duplas estivessem fechados.

O Senhor Martin, a minha avó e as pessoas que estavam com eles encontravam-se longe, de costas para mim, e eu de costas para eles, e o pobre Senhor Saxon, que morria uma morte terrível lá em cima, olhava sem dúvida para o encenador e não para as costas de uma rapariga do secundário. Mesmo assim, por cortesia, não me virei. Ele foi até ao fim da página.

— Aí está! Podem ouvir o das dezassete e quarenta e cinco para Boston — disse por fim, aliviado. Era uma leitura de dois minutos, a primeira, e perguntei-me como é que alguém achara sensato escolher uma passagem tão longa.

— Muito obrigado — agradeceu o Senhor Martin, a voz desprovida de encorajamento.

Uma grande tristeza tomou conta de mim. Se a Veronica estivesse ali, teríamos desenhado um jogo silencioso do enforcado, acrescentando um membro por cada palavra que o Senhor Saxon enunciasse de maneira demasiado queixosa, e recusar-nos-íamos a olhar uma para a outra com medo de nos rirmos. Contudo, a Veronica estava no corredor, e ninguém se atrasara, como julgávamos que aconteceria. Afinal, todos os candidatos tiveram a mesma ideia: chegar prontamente, inscrever-se e ficar na fila conforme as instruções, provando assim que eram bons soldados. O Senhor Martin chamou o segundo esperançoso, o Senhor Parks.

— Devo começar no topo da página onde está marcado? — perguntou.

— Seria ótimo — respondeu o Senhor Martin.

— Passaram-se três anos — começou o Senhor Parks, e depois esperou três anos para reforçar esse ponto. — Sim. — Fez outra pausa. — O Sol nasceu mais de mil vezes.

O Senhor Parks atuava para o Maine, não para New Hampshire. Se eu me virasse, veria um homem com um anoraque amarelo e uma lagosta debaixo do braço. Silenciosamente, enfiei a mão na mochila pendurada na cadeira e procurei pelo meu exemplar do *Doutor Jivago*. Este fora sempre o plano: eles fariam a audição e eu leria e, depois, a certa altura, a Veronica e eu trocaríamos de funções para que ela pudesse ler. O Senhor Parks não estava nem sequer perto do fim da

página. O bom do *Doutor Jivago* é que o enredo é complicado o suficiente para exigir todo o meu cérebro. Eu não gostara muito do livro, mas queria ver o que aconteceria à Lara. Contudo, na sexta vez em que um Diretor de Cena esperançoso anunciou que o Sol nascera, percebi que o Pasternak não estava à altura das minhas circunstâncias; portanto, virei a cadeira.

Um após o outro, os diretores de cena percorreram o proscénio e começaram. A maneira estranha como aqueles homens se posicionavam e o modo como o papel tremia nas suas mãos eram coisas que nenhuma estudante do secundário deveria ver. Alguns tinham vozes decentes, mas se fossem atirados borda fora de um barco afundar-se-iam como âncoras. Leveza, zero. Outros apresentavam-se confortáveis, andando de um lado para o outro com uma das mãos enfiada no bolso, mas pronunciavam cada palavra foneticamente. Era uma dicotomia do pescoço para cima/do pescoço para baixo; alguns tinham uma e outros a outra, ninguém possuía ambas, e vários não tinham nenhuma. Juntos, os diretores de cena eram um desastre, um choque em cadeia de vários veículos, e eu não conseguia desviar o olhar.

Apesar de todas as evidências, era quase primavera em New Hampshire. Faltavam sete semanas para o fim do meu décimo primeiro ano, mas eu não parava de pensar que aquele era o primeiro dia da minha educação. Nenhum dos livros que lera era tão importante como aquilo, nenhum dos testes de matemática ou de história me ensinara a atuar e, por «atuar», não quero dizer no palco de uma peça, mas na vida. O que estava a ver era como apresentar-me ao mundo. Ver atores que tinham memorizado as suas falas e sido ensaiados durante meses era uma coisa, mas ver adultos a tropeçar e a falhar significava algo diferente. A magia consistia em perceber onde cada um errara. O Senhor Anderson, um agente de crédito do Liberty Bank, trouxera um cachimbo, o que podia ser um artigo adequado para segurar, mas ele manteve-o apertado entre os dentes. Não era preciso ter grandes bases de representação para se saber que a capacidade de separar os dentes era útil para falar. No entanto, eu sabia disso, e ele não. Depois, a meio do discurso de dois minutos, ele dobrou a folha de papel que lia, enfiou-a no bolso interior do casaco, tirou uma caixinha de fósforos

de madeira do bolso de fora desse casaco e acendeu o cachimbo. As puxadas necessárias para incendiar o tabaco, a pequena chama que subia do fornilho, tudo isso fazia parte da audição. A seguir, ele enfiou a caixa de fósforos e o fósforo gasto de novo no bolso, retirou a página do texto, desdobrou-a e retomou o desempenho, enquanto o doce fumo do cachimbo flutuava e chegava até mim.

O facto de o Senhor Martin não se ter levantado naquele momento e dito: esqueçam, não tenho interesse em dirigir *A Nossa Cidade* foi uma prova de coragem. Em vez disso, ele tossiu e agradeceu ao Senhor Anderson pelo seu tempo. Este, assentindo gravemente, partiu.

Cada Diretor de Cena trazia uma lição: clareza, intenção, simplicidade. Estavam a ensinar-me. Como todos os meus amigos, interrogava-me sobre o que deveria fazer da vida. Em muitos dias, pensava que seria professora de inglês, porque o inglês era a minha melhor disciplina, e a ideia de passar a vida a ler e a fazer as outras pessoas lerem atraía-me. Estava sempre a anotar ideias para o meu plano de estudos no verso de um caderno de espiral, achando que começaríamos com *David Copperfield*: «Se me tornarei o herói da minha própria vida, ou se essa posição será ocupada por qualquer outra pessoa, estas páginas devem demonstrá-lo.» Mas assim que me comprometia com o ensino, escrevia para solicitar uma inscrição no Corpo da Paz. Adorava livros, é claro, mas como poderia passar a vida numa sala de aulas sabendo que havia poços para abrir e redes mosquiteiras para distribuir? O Corpo da Paz seria o caminho mais direto para fazer algo de verdadeiramente decente. A decência, uma palavra que usava para abranger qualquer aspeto de se ser uma boa pessoa, tinha um grande peso no meu pensamento sobre o futuro. Ser veterinária era decente — todos nós falávamos sobre ser veterinários em alguma altura —, mas isso significava estudar química, e a química deixava-me nervosa.

Mas porque procurava romances britânicos de seiscentas páginas, de ciências exatas e de empregos que exigiam a vacinação contra a malária? Porque não fazer algo em que já fosse boa? Todos os meus amigos achavam que eu devia assumir a loja de arranjos da minha avó,

porque eu sabia coser, e eles não. As mães deles não sabiam. Quando eu virava uma bainha ou apertava um cós, olhavam para mim como se eu fosse Prometeu a descer da montanha trazendo o fogo.

Se se pergunta onde está a decência nos arranjos, posso dizer-lhe: a minha avó. Ela era ao mesmo tempo uma costureira e uma fonte de decência humana. Quando a Veronica falou sobre as calças de ganga que eu desviei do saco para a caridade afunilando as pernas, ela disse:

— Salvaste a minha vida! — As pessoas gostavam que as roupas lhes servissem; portanto, fazê-las ajustadas era útil e decente. A minha avó, que tinha sempre uma fita métrica amarela pendurada ao pescoço e uma almofada de alfinetes presa ao pulso com uma tira de elástico (a pulseira da almofada de alfinetes, como eu lhe chamava), ensinou-me isso.

Ver aqueles homens repetirem tão mal as mesmas falas, enquanto limpavam os óculos com lenços brancos gigantes, fez-me pensar na minha vida.

— Espera, espera, espera, tu querias ser veterinária? — A Maisie abana a cabeça. — Não acredito que alguma vez quiseste ser veterinária. — A Maisie vai iniciar o terceiro ano na escola de veterinária no outono, se é que de facto vai haver aulas no outono.

— Quis, sim. Não durou muito, mas tu sabes como é na secundária.

— Tu querias ser pediatra na secundária — diz a Nell à irmã em minha defesa.

— Alguém pode explicar-me o que tem isto que ver com o Duke? — pergunta a Emily. — O que tem a costura que ver com o Duke?

As minhas filhas pediram-me que começasse a história do início, quando não têm qualquer interesse nele. Elas querem ouvir as partes que lhes interessam e que o resto seja cortado para poupar tempo.

— Se pensam que conseguem fazer um trabalho melhor, então, contem vocês a história — digo, levantando-me, embora não de forma punitiva. Estico as mãos acima da cabeça. — Podem contá-la umas às outras. — Deus sabe que há trabalho para fazer por aqui.

— Chiu — diz a Nell às irmãs. Ela dá uma palmadinha com a mão no sofá. — Vem para aqui — pede-me. — Volta. Estamos a ouvir. — A Nell sabe como movimentar as pessoas.

A Emily, a mais velha, atira a sua imensidão de cabelo escuro e sedoso sobre um ombro.

— Pensei que isto ia ser sobre o Duke. É só o que estou a dizer.

— Para de atirar o cabelo — reclama a Maisie, irritada. A Maisie cortou o cabelo curto no verão e sente falta dele. A sua cadelinha *Hazel* levanta-se, dá três voltas desajeitadas no sofá e depois cai enrolada numa bola confortável. Elas dizem-me que estão prontas.

Têm as três vinte e poucos anos agora e, apesar de toda a sua evolução e libertação ostensiva, mostram pouco interesse numa história que não seja sobre um homem belo e famoso. Ainda assim, eu sou a mãe delas, e elas percebem que vão ter de me aguentar para chegarem a ele. Volto a sentar-me no sofá e começo, sabendo bem que as partes que esperam ouvir são as que nunca lhes contarei.

— O Peter Duke — diz a Emily. — Estamos prontas.

— Prometo-te que ele vai demorar um pouco a chegar.

— Esses são todos os diretores de cena? — pergunta o Senhor Martin finalmente, com a voz cansada.

A cabeça querida da Veronica apareceu pelo lado da cortina.

— São todos — exclamou, e depois os seus olhos encontraram os meus. Ela retirou a cabeça uma fração de segundo antes de começar a rir-se.

O Senhor Martin pegou na sua garrafa térmica e desatarraxou a tampa, enquanto os seus companheiros sussurravam entre si.

— Vamos continuar — disse ele.

Enquanto o Diretor de Cena era uma personagem solitária, o George e a Emily existiam em relação um ao outro e às respetivas famílias; portanto, os Georges e as Emilys fizeram a audição em pares. Mais uma vez, o Senhor Martin escolhera leituras do segundo ato, o que, na minha opinião (e a estudante do secundário ao fundo do ginásio estava carregada de opiniões), era a escolha prática. A primeira interação curta mostrou mais da Emily e a segunda mais do George, a menos que

se levasse em consideração a capacidade de escuta de uma pessoa, caso em que a primazia seria invertida.

Perguntei-me se os pares teriam sido formados com base na proximidade de duas pessoas na fila ou se a Veronica estaria lá atrás a fazer algo engraçado, porque o primeiro George parecia ter cerca de dezasseis anos e a primeira Emily, não que eu soubesse, aparentava trinta e cinco com todos os seus dias difíceis. Havia rumores de mulheres que tinham querido interpretar a Emily para sempre, que atravessavam New Hampshire de cidade em cidade, ano após ano, para tentarem conseguir o papel. Esta usava o cabelo em tranças.

O Senhor Martin perguntou se estavam prontos, e o George começou de imediato.

— Emily, porque estás zangada comigo? — perguntou. Eu tinha a página do texto no colo.

A Emily pestanejou. Estava zangada com o George, mas debatia-se para decidir se lhe dizia ou não. Então, virou-se e olhou para o Senhor Martin. Protegeu os olhos com a mão, como vemos as pessoas fazerem nos filmes quando conversam com os encenadores na plateia, mas como não havia luzes de palco para ferirem os olhos, o gesto falhou.

— Eu não estava pronta — justificou-se ela.

— Não se preocupe — disse o Senhor Martin. — Comece de novo.

Imaginei-o a falar com as pessoas sobre seguros automóveis e seguros de vida, sobre como a State Farm estaria presente se a casa delas ardesse. Aposto que tornava tudo mais fácil para as pessoas.

— Emily, porque estás zangada comigo? — repetiu o George.

Ela olhou para o George como se o fosse matar e depois voltou-se para o Senhor Martin.

— Ele não pode *começar* assim — reclamou a Emily. — Tenho de estar pronta.

Não percebi o que acontecia, mas depois entendi: ela perdera. Como um cavalo que sai a cambalear da cancela. Nem sequer começara e já acabara tudo.

— Podemos fazê-lo outra vez — disse o Senhor Martin. — Não importa.

— Mas importa *sim*. — Iria ela chorar? Era isso que estávamos à espera de ver.

O rapaz era alto, com uma trunfa desorganizada de cabelo castanho-claro que parecia ter sido cortada às escuras por ele próprio. A sua expressão fez-me pensar que teria estado focado em algum aspeto do basebol e só agora percebera que se encontrava em apuros.

— Lamento imenso — disse o George, como o George diria: arrependido, preocupado e um pouco intimidado por toda a situação. Resumindo, aquele rapaz ia avançar com a audição, e a Emily também sabia disso.

— Quero voltar à fila — disse ela, vacilante. — Quero ler com outra pessoa.

— Tudo bem — cedeu o Senhor Martin, e, antes que ela se virasse, exclamou numa voz mais alta: — Precisamos de outra Emily.

Havia sempre outra Emily. Mais Emilys do que Georges. Eu sabia disso pelas inscrições. A Emily que saía passou pela Emily que entrava, uma miúda uns quinze anos mais nova de cabelos louros soltos e brilhantes. Meneava um pouco as ancas para que a sua bonita saia balouçasse. Era assustador ver como o tempo passa depressa. Era impossível que a primeira Emily voltasse à fila.

Mas aquele George, gostei dele. Os diretores de cena tinham estabelecido uma bitola muito baixa. O George permaneceu durante mais três rondas e, em cada uma delas, fez algo diferente, uma resposta à rapariga com quem estava a ler. Quando a Emily era estridente, ele era sensato. Quando era tímida, ele mostrava-se silenciosamente protetor. A terceira — quem diria que ela o conseguiria tão depressa — começou a chorar. Apenas algumas lágrimas a princípio, bastante impressionantes, mas depois perdeu o controlo e desatou a soluçar.

— George, *por favor*, não penses nisso. Não sei porque disse aquilo...

E lá estava o George com o lenço. Será que todos traziam um? Enxugou-lhe o rosto, e sussurrou-lhe algo que de alguma forma a silenciou milagrosamente. Fez-me estremecer.

Muitos dos Georges que se seguiram leram as suas falas como se fizessem uma audição para o Peter Pan. Quanto mais velhos eram, mais

saltavam numa cena que não exigia saltos. As Emilys eram trémulas, emotivas, colocando toda a amplitude da experiência humana em cada linha. Elas estavam *furiosas*, *arrependidas* e *muito emocionadas*. Perguntei-me se o papel seria mais difícil do que eu imaginava.

Ouçam-se a vocês mesmas, quis gritar do fundo do ginásio. Ouçam o que estão a dizer.

Um George medíocre poderia ficar durante três ou quatro Emilys, apenas porque era necessário, embora, se fosse muito mau, só ficasse para uma. Os diretores de cena tinham-me envergonhado, e os Georges, pelo menos depois do primeiro, aborreceram-me, mas as Emilys irritaram-me profundamente. Interpretavam a aluna mais inteligente do secundário no seu ano como se fosse uma idiota. A Emily Webb fazia perguntas, dizia a verdade e sabia o que pensava, enquanto aquelas amarfanhavam as suas saias da pradaria e gemiam como gatinhos. Será que nenhuma se lembrava de como era ser a miúda inteligente? Nenhuma aluna do secundário se inscrevera para a audição, pelo menos daquela escola, provavelmente porque haveria muitos ensaios em noites que seriam mais bem passadas a fazer os trabalhos de casa, a servir às mesas para receberem gorjetas ou saindo com os amigos. Ninguém viera falar pela nossa espécie.

E então, quando os últimos Emily e George deixaram o palco, antes da chegada dos próximos Emily e George, virei a cadeira. Por um instante, disse a mim mesma que ia voltar ao *Doutor Jivago*, mas, em vez disso, peguei num formulário de inscrição. Não era porque quisesse ser atriz, mas sim porque sabia que poderia fazer um trabalho melhor. *Nome*, dizia o formulário. *Nome artístico se diferente*. Escrevi o meu nome *Laura Kenison*. Além do endereço, número de telefone e data de nascimento, eu não tinha nada para oferecer, nenhuma maneira de transformar o trabalho após a escola na Stitch-It em experiência teatral. Ouvi a audição seguinte atrás de mim.

— Bem, ATÉ há um *ANO* eu *GOSTAVA* MUITO de *TI* — cantou a Emily. Dobrei o formulário e enfiei-o no meu exemplar do Pasternak. Depois, peguei numa folha nova e comecei mais uma vez. Soletrei o meu nome L-A-R-A, eliminando o «u» que os meus pais me tinham dado quando

nasci, porque achei que aquela grafia nova era russa e mundana. Decidi que o Senhor Martin tinha razão. Decidi que seria o diamante.

Capítulo Dois

— Tu tinhas um «u» no nome? — A Emily fita-me com ceticismo.

— Durante dezasseis anos.

— Vocês sabiam que ela tinha um «u»? — pergunta às irmãs, e elas abanam a cabeça, perplexas com o que lhes escondi.

— Há muita coisa que vocês não sabem — respondo.

A *Hazel* olha para mim.

— Não sabia que ia ser engraçado — diz a Maisie.

— Não fazia ideia — afirma a Nell.

— Não é engraçado — argumento. — Vocês sabem disso. Não é uma história engraçada, exceto pelas partes que são.

— A vida — profere a Nell, apoiando a cabeça no meu ombro de uma forma que me toca. — Continua. Estou a pensar que o George jeitoso ainda vai estar lá.

Esperei que o George e a Emily no palco terminassem, antes de sair para a entrada com o formulário na mão e a polaroide ao pescoço. De alguma forma, esquecera-me de que ainda havia muita gente à espera para tentar os outros papéis: Gibbses e Webbs. Homens, mulheres e crianças andavam de um lado para o outro, pronunciando silenciosamente as palavras escritas nos papéis que seguravam. Eu era um deles agora. Prestes a dizer ao George que estava desapontada com ele porque só pensava em basebol e já não era o rapaz que eu considerava meu amigo.

Havia poucos Georges e Emilys sentados no corredor que dava para o palco. Todos tinham uma cadeira, exceto a Veronica e o primeiro George, o bom. Estavam sentados juntos nas escadas e ele fazia-a

rir, o que, garanto, não era a coisa mais difícil do mundo. O cabelo preto caía-lhe sobre uma face rosada, e eu percebi que deveríamos ter trocado de tarefas há duas horas. Eu esquecera-me porque estava a estudar na escola das audições teatrais e ela esquecera-se porque conversava com o George. Não se conseguia ouvir o palco do corredor e era por isso que ela ficara perto da porta, mantendo-a ligeiramente aberta com o seu livro gordo do Stephen King. Apesar do que se pudesse passar, a Veronica nunca deixara de prestar atenção ao palco.

Quando olhou para cima e me viu ali com a câmara, arqueou uma sobrancelha magnífica. As sobrancelhas da Veronica eram grossas e pretas, e ela submetia-as delicadamente à pinça. Conseguia transmitir mais informações com uma sobrancelha do que as outras pessoas com um microfone. Ela sabia que eu ia ler para a Emily e que conseguiria o papel. Eu costumava dizer que a Veronica nunca poderia jogar póquer porque os pensamentos passavam-lhe pela testa como o rodapé de uma televisão. Percebeu que poderia ter lido para a Emily e ser ela a vir aos ensaios com aquele rapaz. Eles poderiam ter praticado as falas no carro dele e erguido as mãos dadas acima da cabeça no fim de cada apresentação, curvando-se mais uma vez antes que a cortina caísse. Mas a Veronica quase nunca saía à noite porque a mãe era enfermeira e trabalhava no segundo turno, o padrasto fora-se embora há muito tempo e era ela quem cuidava dos irmãos. Tínhamos ambas dois irmãos, mais um ponto de ligação entre nós, embora os meus fossem muito mais velhos e os dela, tecnicamente meios-irmãos, não passassem de crianças pequenas. Se não fosse por eles, a Veronica teria sido uma Emily deveras excelente.

— A sério? — perguntou ela.

Assenti, entregando-lhe a câmara. Ela levantou-se para me tirar o gancho do cabelo.

— Tens de ir em último — avisou. — Nada de furares a fila. Se o Jimmy ainda estiver aqui, ele pode ler contigo.

O Jimmy fitou-me nos olhos e estendeu a mão. Cumprimentámo-nos.

— Não há outro sítio onde eu preferisse estar — respondeu.

Voltei para o corredor e sentei-me. Não queria que pensassem que eu recebia tratamento preferencial, o que, é claro, acontecia. Não

precisei de correr até à casa de banho com a Veronica para saber o que ela estava a fazer. O Senhor Martin precisava de encontrar uma Emily num campo sem concorrentes. Todas as suas esperanças estariam em qualquer rapariga que viesse por último. Àquela altura, eu já assistira a mais de quatro horas de aulas de representação avançada, o que não significava que soubesse representar. Contudo, sabia como não representar. O que tinha de fazer era dizer as palavras e não atrapalhar.

Quando o último par saiu e éramos apenas eu, a Veronica e o Jimmy-George no corredor, pedi à Veronica que me entrançasse o cabelo.

O Jimmy-George abanou a cabeça e a Veronica concordou.

— É mais bonito solto — disse ela.

Eu estava com calças de ganga, botas impermeáveis e a velha camisola da Universidade de New Hampshire do meu irmão Hardy. Força, Wildcats.[2]

— Ter-me-ias contado, certo? — quis ela saber. — Se era este o grande plano?

— Tu sabes que eu nunca tenho um plano. — Porque parecia dar essa ideia?

Ela inclinou a cabeça, como fazemos quando ouvimos o som de uma porta a abrir-se em algum local da casa, e depois colocou os braços à minha volta e apertou-me.

— Arrasa — sussurrou.

O ginásio era novamente o ginásio, o local de todas as humilhações: a corrida, o *kickball*, a dança, a peça. Eu queria ensinar inglês, ingressar no Corpo da Paz, salvar a vida de um cão, costurar um vestido. Representar não estava na lista. Quando saí da escuridão e entreguei o meu formulário a um dos homens que se levantaram para lhe pegar, quase gritei de medo. Os diretores de cena tinham-se sentido assim? Fora por isso que tinham acendido os cachimbos e mexido nos chapéus? Os Georges saltavam e as Emilys enrolavam os dedos nos cabelos, como se praticassem malabarismo, tudo porque sabiam que iam morrer ali em cima. A minha avó estava a observar, com muito medo por mim. Fechei os olhos por um segundo. Iria acontecer tudo tão depressa. O Jimmy era o George e eu era a Emily e sabíamos as falas de cor.

[2] Nome dado às equipas desportivas da Universidade de New Hampshire. *(N. da T.)*

— Emily, porque estás zangada comigo? — perguntou o George.

— Eu não estou zangada contigo — respondi.

Era uma conversa simples entre dois amigos de infância prestes a apaixonar-se. Eu disse as falas tal como as ouvira na cabeça durante toda a manhã, e quando terminámos, o Senhor Martin, a minha avó e os três homens que estavam com eles levantaram-se e bateram palmas.

Olho para o relógio. É fácil esquecer-me de que é tarde porque o Sol permanece alto para sempre no verão.

— Vamos passar para a montagem agora — digo às miúdas. — Não vos vou fazer passar por mais nada da secundária.

— Mas e a peça? — pergunta a Emily com as pernas impossíveis apoiadas no encosto do sofá. A Emily nunca foi capaz de se sentar como uma pessoa normal. Perdi essa luta era ela ainda criança. Quem lhe instalou a bússola interna pôs o íman de pernas para o ar.

— Vocês sabem tudo sobre a peça e, de qualquer forma, ela aparece muito. Temos de ir com calma.

— O que aconteceu à Veronica e ao Jimmy-George? — pergunta a Maisie. — Nunca ouvi uma palavra sobre eles.

— Perdemos o contacto.

A Maisie solta uma risada.

— Isso não existe, perder o contacto. — Ela tira o telefone do bolso dos calções e agita-o na minha direção como se fosse uma invenção nova e maravilhosa. — Quais são os apelidos deles?

Olho para ela e sorrio.

— Podes pelo menos dizer-nos qual de vocês ficou com ele — pede a Nell.

— Todos nós ficámos connosco.

As raparigas gemem em harmonia. É o seu melhor truque.

A Emily estende a mão e puxa-me a camisa.

— Dá-nos alguma coisa.

Estaríamos no pomar dali a algumas horas. Se elas não fossem para a cama em breve, seriam inúteis no dia seguinte, embora eu não lhes pudesse dizer isso. Não se lhes pode dizer nada a esta altura.

— A peça foi um grande sucesso. Estávamos programados para seis apresentações e estendemos para dez. Veio um repórter de Concord e escreveu sobre nós no *Monitor*.

Saiu uma grande fotografia minha no jornal. A minha avó comprou cinco exemplares. Encontrei-os empilhados no fundo da sua arca de cobertores depois de ela morrer.

A Nell pergunta quem interpretou o Diretor de Cena. A Nell é atriz. Tem de ver tudo na sua cabeça.

O Diretor de Cena. Houve muitos diretores de cena. Tenho de pensar nisso. Os maus estão todos claros na minha mente, mas quem ficou com o papel? Era bom, isso eu sabia. Tento imaginá-lo a acompanhar-me até ao cemitério.

— O pai da Marcia! — exclamo, porque, mesmo não me lembrando do nome dele, vejo o seu rosto tão claro como a água. O cérebro é uma coisa notável, o que foi perdido entra de imediato em foco sem qualquer esforço. — Ele estava a fazer a audição para o Doutor Gibbs, mas foi melhor do que os outros homens; portanto, o Senhor Martin pô-lo como Diretor de Cena. — Faltara-lhe a arrogância de pensar que devia ter o papel principal, e foi isso que o tornou bom. A Marcia ficou humilhada com a ideia de eu passar algum tempo com o pai dela. Evitou-me durante todos os ensaios e durante a peça, não se sentava ao meu lado ao almoço e não olhava para mim, mas quando voltámos no outono, para o último ano, estávamos bem outra vez.

— E o Jimmy foi o George? — pergunta a Emily.

— Obviamente — diz a Maisie.

— O Jimmy foi o George — confirmo.

— Ele foi um George tão bom como o Duke? — pergunta a Emily. Ah, a expressão que ela assume quando diz o nome do Duke. Faz-me desejar ter tido os meios para mentir sobre tudo, continuamente, desde o início.

— O Duke nunca interpretou o George.

A Maisie levanta a mão para protestar:

— Quem foi ele então?

— Foi o Senhor Webb.

— Não — diz a Nell. — Não. No Lago Tom? O Duke foi o George.

— Eu estava lá. Nenhuma de vocês era nascida.

— Mas nós as três não podemos estar erradas — insiste a Emily, como se a matemática delas pesasse mais do que a minha vida.

— Lembram-se dessa forma porque a história fica melhor se o Duke tiver sido o George e eu tiver sido a Emily. Não significa que seja verdade.

Elas meditam sobre aquilo por um minuto.

— Mas isso significa que ele interpretou o teu pai — diz a Maisie.

Como se fosse de propósito, o pai delas entra pela porta das traseiras, com as calças cheias de palha. A *Hazel* levanta a cabeça e ladra até a Maisie a mandar calar. A *Hazel* ladra quando qualquer homem entra.

— Trabalhadoras — diz-nos ele, batendo palmas. — Para a cama.

— Pai, já somos crescidas — argumenta a Nell, a mais nova. — Não nos podes mandar para a cama.

A Emily, a nossa agricultora, a Emily, que planeia assumir tudo isto quando ficarmos velhos, olha para o relógio.

— A mãe estava prestes a passar para a montagem.

— Qual é a história? — pergunta ele tirando as botas perto da porta, tal como lhe pedi durante anos.

As miúdas olham umas para as outras e depois para mim.

— O passado — respondo.

— Ah — exclama e tira os óculos. — Vou tomar banho. Mas nada de desculpas de manhã.

— Prometo — dizemos todas.

E, então, esforço-me por nos levar pelas partes chatas o mais rápido possível.

No meu último ano, inscrevi-me no clube de teatro. Interpretei a Annie Sullivan em *O Milagre de Anne Sullivan* com uma aluna muito pequena do sétimo ano chamada Elyse, a quem precisavam de lembrar de que não me ferisse a pele quando me mordesse. Atirávamo-nos uma à outra por todo o palco. O grande musical da primavera foi *Como É Bom Amar*, e eu fiz de Rosie DeLeon. Ninguém me poderia considerar uma cantora, mas não me envergonhei. Entrei em Dartmouth e na Penn sem apoio financeiro. Fui para a Universidade de New Hampshire, onde a

conta anual, incluindo mensalidades, alojamento, alimentação, livros e taxas, chegava a pouco mais de 2500 dólares depois da bolsa de estudos por mérito. Na faculdade, não me senti mais perto de saber o que faria da vida do que no secundário. A Universidade de New Hampshire não oferecia *design* de moda, e eu ainda não me tinha matriculado em química. Mantive o requerimento para o Corpo da Paz. A minha avó dera-me a sua querida e velha *Singer* preta como prenda por terminar o secundário, um cavalo de trabalho, e ganhei algum dinheiro a encurtar as saias de bombazina das meninas das repúblicas. Os dias eram preenchidos com literatura britânica e introdução à biologia e pilhas de costura. Adormecia na biblioteca, com a cabeça virada de lado sobre um livro aberto. Representar nunca me passou pela cabeça.

Isso só aconteceu no meu penúltimo ano, quando vi um aviso de audições para *A Nossa Cidade* pregado num quadro de cortiça no centro estudantil. Eu estava lá para afixar o meu próprio aviso: *Stitch-It, Arranjos Rápidos*. O meu primeiro pensamento foi que seria divertido inscrever pessoas para a peça e o segundo que poderia tentar conseguir o papel da Emily. O prazer de dizer aquelas palavras novamente seria imenso, e eu percebia a métrica pela qual o campo social de uma pessoa era ampliado pelo teatro. Mesmo no penúltimo ano, a maioria dos alunos que eu conhecia na faculdade eram os mesmos com quem estudara no secundário.

Em qualquer ano, havia mais raparigas que já tinham interpretado a Emily do que nas outras universidades do país, todas nós achando que tínhamos conseguido o papel. O que eu não teria dado para estar na sala a ver aquelas audições, mas desta vez faltava-me uma desculpa plausível. Esperei no corredor com o meu número, vestida com a camisola dos Wildcats do meu irmão para dar sorte.

A sorte era tudo.

O Bill Ripley assistia à terceira apresentação. Era um homem alto, com as faces sempre rosadas e um toque grisalho prematuro no cabelo escuro que lhe dava um ar de seriedade. Estava sentado na quinta fila com a irmã, com o seu enorme casaco de lã sobre o colo, porque não quisera esperar na fila do bengaleiro.

Eu chamava-lhe o Talentoso Senhor Ripley porque já tinha visto o livro numa livraria e gostara do título. Pensava nisso como um elogio. Todos na minha família se lhe referiam como Ripley-Acreditem-ou--Não.[3] Ambas as alcunhas continham um elemento de verdade, o que não sugere que o Ripley fosse um sociopata. Contudo, ele tinha a capacidade de se inserir na vida das outras pessoas e fazê-las sentir que pertencia lá. A parte de acreditar ou não era evidente.

As pessoas não são descobertas em Durham, New Hampshire, e o Ripley não era nenhum agente. A irmã morava em Boston e ele viera visitá-la pelo aniversário dela. O que ela queria, o que lhe pedira especificamente como presente, era que fossem de carro até Durham para ele poder ver a sobrinha, a filha dela, Rae Ann, no papel da Senhora Gibbs. A irmã do Ripley acreditava que a filha tinha talento e que o irmão lhe devia a consideração de um olhar.

Eu não conhecia a sobrinha do Ripley antes da peça e, mesmo depois de uma série de ensaios e três apresentações, ainda não diria que a conhecia. Ela interpretava a minha sogra e, como todas as outras raparigas daquela produção, a Rae Ann queria ser a Emily. Portanto, ressentia-se silenciosamente do meu sucesso. Ter ganhado o papel da Senhora Gibbs falava a seu favor e ter sido monótona no papel não era culpa sua. A menos que se seja a Meryl Streep, é difícil para uma jovem de dezanove anos ter sucesso enquanto mãe de meia-idade que finge alimentar galinhas. O Ripley foi bastante indulgente com ela e, ainda assim, nunca voltou os olhos na sua direção. Abraçou-a após a queda do pano, disse-lhe que fora magnífica e depois mandou-a para a festa do elenco com a mãe, afirmando que iria lá ter em breve. Ficou no corredor com o casaco e, quando uma rapariga apareceu, perguntou--lhe onde poderia encontrar a Emily.

Mil novecentos e oitenta e três era um mundo impossível de explicar. Um homem estranho de fato bateu à porta do camarim antes que eu tivesse a oportunidade de vestir as minhas roupas e, quando enfiei a

[3] Ideia original de Robert Ripley, em que se apresentavam eventos e factos bizarros, artigos e fotografias bastante estranhos e histórias incríveis. Inicialmente divulgada num jornal, *The New York Globe,* foi mais tarde adaptada a uma variedade de formatos, incluindo rádio, televisão, livros de banda desenhada, uma cadeia de museus e uma série de livros. *(N. da T.)*

cabeça de fora, ele disse que queria falar comigo e se poderíamos ir até algum sítio tranquilo por um minuto? Eu disse que sim, como uma criança que recebe instruções de um adulto, o que era o caso. Havia uma pequena sala de ensaios no fim do corredor, com um piano, um sofá e algumas cadeiras desdobráveis. Eu sabia que não haveria ninguém ali tão tarde. Abri a porta e passei a mão pela parede fria, em busca do interruptor da luz. Em que pensava eu? Essa é a parte que não consigo recordar.

Mas esta era uma história sobre sorte, pelo menos nos primeiros anos. Por isso, a minha sorte continuou a durar. O Bill Ripley não viera para me violar ou desmembrar. Ele sentou-se numa das cadeiras, deixando o sofá para mim. Disse-me que era produtor. Estavam a escolher o elenco para um novo filme e havia um papel para uma rapariga, um papel crítico, na verdade, mas ainda não tinham encontrado a pessoa certa. Procuravam-na há algum tempo, mas não a descobriam.

Acenei com a cabeça, desejando ter deixado a porta aberta.

— Tu és capaz de ser essa rapariga. — Olhava para mim com insistência e, como acabara de sair do palco e não me senti particularmente tímida, devolvi o olhar. — Tenho quase a certeza de que és ela. Preciso que venhas a Los Angeles e faças um teste de imagem. Isso é possível?

— Nunca estive em Los Angeles — respondi, quando o que queria dizer era que a minha família fora à Florida uma vez nas férias da Páscoa quando eu tinha dez anos, sendo essa a única vez que andara de avião.

Ele escreveu um número no verso de um cartão de visita e disse-me que estava hospedado em casa da irmã em Boston e que deveria ligar-lhe no dia seguinte às nove.

— Estou nas aulas às nove. — Começava a suar no longo vestido branco da Emily.

Ele olhou para o relógio.

— Elas vão querer saber onde estou. — Levantou-se e estendeu-me a mão; portanto, eu apertei-a. — Vamos manter isto entre nós por enquanto — disse.

— Claro — respondi, questionando-me a quem não deveria contar.

— A Rae Ann é minha sobrinha. — Ele respondeu à minha pergunta como se eu a tivesse feito.

— Oh. — A Rae Ann. De alguma forma, aquilo fez-me sentir melhor.

— Amanhã — disse ele.

— Amanhã — repeti como se fosse um papagaio.

Não fiquei acordada no meu dormitório naquela noite a pensar se poderia conseguir o papel. Fiquei sim a pensar em quantas moedas seriam precisas para ligar para alguém em Boston durante o horário de pico. Onde poderia arranjar moedas suficientes? Fiquei a pensar em quanto custaria um bilhete de avião para Los Angeles em termos do número de bainhas de calças feitas e, além disso, ainda teria de somar o valor do táxi desde o aeroporto e o hotel.

É claro que isso foi resolvido, embora não tão rapidamente como se poderia imaginar. O Bill Ripley esclareceu tudo, pelo menos durante um período. Eu hesitara, tentando decidir o que fazer da minha vida durante tanto tempo, que ele interveio e decidiu por mim. Eu ia ser atriz.

— Mostra-me onde está a decência nisso! — grita a Nell, e desatamos todas a rir.

As nossas três meninas estavam em casa agora. A Emily voltou para a quinta depois de terminar a faculdade, enquanto a Maisie e a Nell, ainda na escola, tinham regressado em março. Era uma primavera ansiosa para o mundo, embora pela janela da nossa cozinha tudo decorresse da mesma forma que em todas as outras primaveras no Norte do Michigan: húmida, chuvosa e fria, seguida por uma nevasca forte tardia, uma súbita onda de calor e, depois, o espetáculo das árvores em flor. A Emily, a Maisie e a Nell ignoravam as árvores e optavam por destruir a sua sanidade com *feeds* de notícias. Por fim, eu acabei com a televisão ligada à noite porque, depois de a vermos, nenhuma de nós dormia.

— Viramos a cabeça numa direção e é um desespero sem fim — digo-lhes. — Voltamo-la na outra direção... — E aponto para a explosão de pétalas brancas no exterior da janela.

— Não podes fingir que isto não está a acontecer — afirma a Maisie.

Não posso e não quero. Também não finjo que o facto de estarmos todos juntos não me enche de alegria. Entendo que a alegria é desadequada nos dias de hoje e, mesmo assim, sentimos o que sentimos.

À medida que avançamos para o verão e as flores dão lugar aos frutos, as nossas circunstâncias mudam de *aqui estão as nossas filhas e estamos muito felizes por as ter em casa,* para *aqui estão as nossas filhas, que passaram a infância a colher cerejas e sabem fazer o trabalho quando apenas uma fração dos nossos trabalhadores regulares apareceu este ano para o trabalho sazonal*. Foi o pai delas quem identificou as miúdas esparramadas nos sofás, entretidas com os respetivos telefones, como a equipa de que precisava.

— Fui para a faculdade para não ter de colher cerejas — disse a Nell.

— A faculdade está fechada — lembrou o Joe. — A faculdade não vos pode proteger agora.